

«O PIOR MAL DE QUE SOFRE O MUNDO NÃO É A FORÇA DOS MAUS, MAS A FRAQUEZA DOS BONS»

ROMAIN ROLLAND

# A Voz de Loulé

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

ANO XXVI

29-12-77

(Preço avulso: 5\$00)

N.º 655

Composição e Impressão  
«GRÁFICA EDITORA»  
Av. João Ferreira da Maia, 20  
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO

José Maria da Piedade Barras

Redacção e Administração  
GRÁFICA LOULETANA  
Rua Marechal Gomes da Costa  
Telef. 6 25 36 LOULÉ

PORTE  
PAGO

## 1978!

### VIVA O ANO NOVO QUE NASCEU!

Diz o Povo ao saudar o Ano Novo que posponta: «Novo Ano, nova vida»!

Assim, também o dizemos nós, re-feitas e revigoradas que são as nossas aspirações e esperanças e arquivadas (embora não esquecidas), nos caminhos do ano transacto, as tribulações, desencantos e ilusões e porque não, alguns memoráveis sucessos, que se somaram em alternativa, como compensação.

O ano menino de 1978, irrompeu nas folhas do calendário e nos nossas vidas e eis-nos, votivamente, colocados no seu pórtico a indagar do futuro (carregado de incógnitas) que nos espera.

Será bom, ou será mau?

Que nos reserva, este ano, de 1978?

As nossas interpelações podem formar um cortejo, mas o seu eco não nos oferece a apetecida resposta...

Ficamo-nos, pois, pelos desideratos veementes e frementes que nos

animam, pelo muito apreço que devotamos aos nossos concidadãos, desejando, a todos, imensas felicidades e fazendo votos para que este ano-menino de 1978, não saia tão travesso e traquina como os seus antecessores!

J. C. Viegas

## EM PREPARAÇÃO O CARNAVAL DE LOULÉ

— pretende-se guindá-lo a cartaz de atracção internacional

O prestígio que o Carnaval de Loulé alcançou, e que já nos habituou, requiere com efeito uma cuida-

dosa elaboração antes de cada uma das suas encenações, que capricham sempre em revestir-se de originais atracções.

A preparação do Carnaval de Loulé-78 não foge à regra, por isso não nos admiramos que, com a devida antecedência e em fase preliminar se entabulem conversações prévias no sentido de se definir o rumo certo a seguir.

Foi realmente isto que, na qualidade de representante deste jornal, assistimos há dias aqui, em Loulé, no paços do concelho local, numa reunião que congregou a presença de razoável número de entidades que de uma maneira ou de outra estão afectas à organização dos próximos festejos carnavalescos.

Na circunstância registamos por-

tanto as presenças, do presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve, sr. Cabrita Neto e esposa; Delegado do Secretariado de Estado da Cultura, sr. Tomás Ribas; presidente da Câmara Municipal de Loulé, sr. Andrade de Sousa; vereadores sr. Libânio Palma e sr. Carrapa;

(continua na pág. 2)

na sua agenda de trabalhos constava o seguinte: «Análise, discussão e votação do trabalho elaborado pela comissão eleita para se debruçar sobre a cerca da Avenida (José da Costa Mealha); análise, discussão e votação das alterações a introduzir no regimento face à lei 79/77 que a comissão nomeada, apresentará; apreciação e votação do Programa de Actividades e Orçamento da Câmara para 1978».

Presentes, também, o presidente da Câmara Municipal de Loulé, sr. Andrade de Sousa e a maior parte da edilidade, os srs. Coelho Pires, Simão Cavaco, Oliveira Carrapa e Santos Simões.

Aberta a sessão pelo presidente da Assembleia Municipal de Loulé, sr. Domingos Chagas, foi por ele aberto um período preliminar para uso da palavra, antes do debate dos assuntos inscritos na convocatória.

Logo, diversos membros da A. M. L. se inscreveram, vindo a lume o pedido quanto à interpretação a con-

(continua na pág. 4)

COMISSÃO REGIONAL DE TURISMO

## UMA FORÇA DINAMIZADORA AO SERVIÇO DO ALGARVE

Com o objectivo de dar conta do trabalho realizado, (que consideramos altamente positivo e meritório) a Comissão Regional de Turismo do Algarve promoveu no dia 17 de Dezembro, no Balaia Penta Hotel, uma conferência de imprensa em que estiveram presentes os representantes dos principais órgãos de comunicação social, e com a notória ausência da RDP, facto que foi salientado como falha muito difícil de perceber.

Na qualidade de Presidente da C. R. T. A. o sr. Joaquim Manuel Cabrita Neto explanou com muita clareza, o vigor e verdadeiro sentido das realidades, os principais problemas do turismo no Algarve, deixando

transparecer claramente como os sente e vive apaixonadamente. Como algarvio autêntico que é, Cabrita Neto está exercendo as suas melindrosas funções não apenas com conhecimen-

(continua na pág. 2)

## Apelo à consciência dos portugueses

O nível de participação activa dos cidadãos na vida política da nação é função de variados factores entre os quais têm relevo e solidez das estruturas morais, o grau de educação cívica e política, o nível médio da instrução, a riqueza cultural, a consciência profissional, o desafio eco-

nómico geral, as liberdades cívicas realmente vividas, a qualidade das leis e o prestígio das autoridades.

O conhecimento daqueles factores permite ajuizar o grau de maturidade política de um povo, e, quanto mais elevado ele for e quanto mais forte e sadia for a sua consciência cívica, tanto maior será a sua participação na vida política da nação; consequentemente, mais reduzida será a sua manipulação pelos caciques e chefes partidários.

Embora nos desgoste a verdade é que nós, portugueses, temos sido muitas vezes manipulados pelos profissionais e amadores da política, tão hábeis no oportunismo, no charlatanismo, na demagogia e na corrupção como verdadeiros expoentes da mediocridade, do cabotinismo e da inépcia.

Um povo como nós somos, de temperamento dócil e confiado, com boa dose de bonomia e abertura, facilmente se torna um pau mandado nas mãos dos trapaceiros ideológicos, das

(continua na pág. 2)

## Rancho Folclórico Infantil de Loulé

estreia-se na arte cénica

Integrado na «Festa de Natal», promovida pelo pessoal da Câmara Municipal de Loulé, Bombeiros Municipais e Federação dos Municípios do Distrito de Faro, o Rancho Folclórico Infantil de Loulé, fez, no passado dia 17, a sua auspiciosa estreia na arte cénica, tal como antecipadamente os seus animadores haviam planeado, como etapa imediata a atingir.

Assim, ensaiada e preparada que foi a peça teatral «Feliz Natal», produção compilada de diversos autores, os miúdos do Rancho Infantil de Loulé (só no ensaio geral é que contactaram com o palco da casa de espectáculos onde actuaram), corresponderam às melhores expectativas e exibiram-se com o maior agrado do público que os premiou com vibrantes e prolongados aplausos.

Não há dúvida alguma que os elementos juvenis do rancho fo-

ram bem sucedidos na inauguração da sua secção teatral, aliás constituída por aqueles mesmos elementos que na execução das

(continua na pág. 7)

## I ENCONTRO DE ESCRITORES ALGARVIOS

O I Encontro de Escritores Algarvios, que o Grupo de Estudos Algarvios está organizando, decorrerá em Lagos nos dias 21 e 22 de Janeiro de 1978, contando para a sua feitura com o apoio da Câmara Municipal de Lagos, Direcção-Geral da Cultura, Comissão Regional de Tu-

(continua na pág. 7)

## Situação grave

### da Indústria Hoteleira e Turística Algarvia

Segundo fontes que reputamos fidedignas e dignas de todo o crédito, é grave a situação que atormenta a indústria hoteleira e turística do Algarve.

Tanto o sector intervencionado, que se queixa de atrasos de pagamento de salários e do subsídio

de férias, temendo, além disso a impossibilidade de satisfazer os ordenados de Dezembro e o 13.º mês, como, por seu turno, o sector privado, sente idênticas dificuldades, posto que a Previdência e o próprio Fundo de Turismo

(continua na pág. 3)

### Que o 1978 seja melhor para nós todos

E que as sementes do ódio e violência lançadas na terra portuguesa durante os últimos três anos se transformem em sementes de amor, paz, pão e fraternidade entre os portugueses são os votos de

«A VOZ DE LOULÉ»

## UMA FORÇA DINAMIZADORA AO SERVIÇO DO ALGARVE

(continuação da pág. 1)  
tos de causa dos problemas do Algarve, mas com verdadeiro amor à sua província, pois percebe-se claramente que os vive intensamente e luta persistentemente por encontrar a solução ideal que melhor sirva os interesses da comunidade.

E o Algarve tem tantos e tão urgentes problemas por resolver que causa pena ver a indiferença com que as entidades oficiais e os algarvios as encaram.

E quando se pretende fazer obra válida surgem os mais inaceitáveis «travões» a emperrar toda a máquina daqueles que a pretendem empurrar. É a tal ponto se evidencia a crença que alguns homens que se sabe da existência de elementos da Câmara de Portimão já pretendem «queimar» o Presidente da Comissão de Turismo por estar a trabalhar demais. É assim a espécie humana: criticam-se os homens dormentes porque nada fazem e criticam-se os homens activos e empreendedores porque fazem obras válidas (compreende-se agora porque Duarte Pacheco tem sido tão criticado por certas forças).

E que não há dúvida é que é muito esgotante e ingrata a função do Presidente de C. R. T. A. pois exige uma capacidade de trabalho que se percebe nitidamente ter sido grande pelo volume de trabalho realizado no decorrer de 1977, conforme relatório das actividades desenvolvidas que é de tal forma desarticulada e extensa que apenas nos é possível dar um resumo.

No tocante à «Promoção-Relações Públicas» muito sucintamente relacionamos algumas actividades desenvolvidas, tais como a colaboração e organização da recepção de diversas e representativas individualidades; participações e apoio e animação do artesanato e folclore algarvios com certames internacionais; distribuição, ao longo do ano, estudo, edição e distribuição de cerca de dois milhões de prospectos e desdobráveis em vários idiomas.

No aspecto «Animação», a organização, apoio e participação em numerosos certames regionais, eventos culturais e recreativos, e desportivos, foi profusa a sua acção entre os quais se pode destacar o «Festival Nacional de Folclore do Algarve-77», que mereceu amplos aplausos.

Entretanto, no «Plano de Actividades para 1978», estão igualmente inscritos um enorme ciclo de iniciativas.

Assim, está prevista a abertura de novos postos de turismo, e adicionais infraestruturas motivacionais para o turismo, assim como também, apoios no âmbito do saneamento básico e sanidade nas zonas de turismo, remodelação e adaptação do Casino de Armação de Pera, apoio à Esplanada de Quarteira, preservação do património turístico nacional, sinalização turística em locais adequados, promoção turística além fronteiras, promoção do artesanato e etnografia. Nas previsões de «Animação», estão previstos empreendimentos de diverso gabarito e fôlego, como feiras, competições desportivas, concertos musicais, festivais de jazz, de folclore e manifestações cénicas, etc.

Proximamente daremos mais pormenores acerca da actividade do C. R. T. A..

## Em preparação o carnaval de Loulé

(continuação da pág. 1)  
coordenadores da organização de festas da C. R. T. A., sr. Walter Contreiras e Soares; dr. Gonçalves; elementos locais da comissão organizadora do carnaval, prof. Duarte, Ilídio Florio, João Batista e Correia Soares.

A abrir a troca de impressões o sr. Cabrita Neto deu conta de alguns contactos encetados tendentes a sondarem a eventualidade da vinda de escolas de samba (desde logo afastada) e animadores brasileiros de cartaz firmado e respectivos ritmistas, a deslocar ao Algarve, durante a quadra carnavalesca, tendo feito alusão às condições em que estes artistas viriam no caso de se observar, posteriormente, um compromisso formal.

Depois, focou também aspectos vários entre eles os bailes em recintos apropriados.

Coube depois a vez ao presidente do Município de se reportar à admissível vinda de uma rainha do carnaval de Alentejo, donas de honra respectivas e grupos típicos do carnaval espanhol, como intercâmbio a entabular e a alternar com a ida do Rancho Folclórico Infantil de Loulé e de um carrofolclórico, alguns dos circunstantes apresentaram várias sugestões, como designadamente, a possível participação de gigantes; ranchos folclóricos do norte do país, ruas transversais devidamente

## Apelo à consciência dos portugueses

(continuação da pág. 1)

malabaristas das eleições, dos trafalhas partidários e dos ambiciosos do poder.

A nossa antiga credulidade e boa fé impedem-nos de perceber a má-fé que muitas vezes nos obrigam os manhosos e videirinhos das latrinas políticas, mas à medida que damos conta do engano a que nos levaram e da tramóia que nos armaram, então, passamos primeiro a um estado de surda revolta, ainda envergonhados por nos termos confiado tão generosa e abertamente aos aldrabões e, depois, passamos a nutrir um desprezo e asco cada vez maiores pelos políticos, pelos seus partidos e pela esterqueira da política, fazendo votos do fundo da alma por um grande raio que os parta a todos.

Essa evolução é confirmada pela subida impressionante da percenta-

gem dos eleitores que se refugiaram na abstenção, mandando assim às urtigas a pugna eleitoral e, com ela, a escolha dos caminhos que melhor sirvam os interesses nacionais.

Quem não tiver cangas partidárias não deixará de concluir que, neste momento, o país real é bem diferente daquele que os políticos pintam, que os grupos de violência se arrogam de representar, ou ainda, que os jagunços dos «coroneis» no poder servilmente difundem por vários meios.

A verdade é que o país real formado pela esmagadora maioria dos portugueses, pretende viver em paz, deseja trabalhar para os seus e não para madraços, gosta de ver respeitados os seus usos e costumes e é cioso dos seus direitos e liberdades.

É já com uma cada vez mais extensa e profunda irritação que os portugueses verificam que os governantes teimam em governar-se, bem como aos seus familiares e amigos, insistem em tudo sacrificar às suas desmedidas ambições e interesses, continuam patenteando incompetência e inoperância a rodos e, apesar do beco sem saída em que nos colocaram, persistem em forçar o país para um original socialismo à portuguesa, que não passa do mais estúpido e primário marxismo até agora achado. A impaciência e a irritação mais se agravam e se generalizam quando se verifica que os curadores dos destinos colectivos, pagos de chorudos vencimentos à custa do suor do povo, servem-se deste para encher a boca e polvilhar as suas discursatas visando uma fácil popularidade, cultivam sem vergonha o absentismo e o turismo, tornam mais insolúvel os problemas que têm a pouca sorte de merecer os seus malditos cuidados, usam dos votos não em obediência aos interesses nacionais mas sim para satisfação de seus mexericos, rivalidades e mesquinhos jogos de suja política.

Muito mais deplorável, que a insuficiente maturidade política dos portugueses, é sem dúvida a espantosa falta de civismo e de amor à Pátria que os politiquinhos têm patenteado ao longo destes três anos.

Usando de toda a panóplia de armas sujas para sustentação de seus tachos e posições, os politiquinhos civis e militares esgrimem-se a todo o momento com golpes baixos e traiçoeiros, aliam-se hoje em combinações de bastidores para se repelirem no dia seguinte, consomem-se estupidamente em mexericos próprios de escolares primários, namoram-se agora sem pudor para logo depois se repelirem afrontosamente como regateiras grosseiras e desbocadas.

Toda essa escumalha política, saída das esterqueiras mais pútridas de Argel, Bruxelas, Paris, Londres, Praga e Moscovo, parece apostada numa paranóia de destruição e maldade, em que cada um e todos procuram exceder-se como possessos num concurso de depredação, tendo como alvo não só o martirizado corpo mas também a alma nobre e generosa desta Pátria antiga de oito séculos, que foi luzero entre as nações.

A verdade mais que provada ao longo destes quase quatro anos de rega-bofe, é os «doutores» em ciências políticas, sociais e económicas, os tais «sábios» amodoados das diversas ideologias, os peritos revolucionários, as auto-proclamadas van-

guardas progressistas, os «cacholas» da economia marxista, etc., etc., prometeram durante as campanhas eleitorais que em pouco tempo mudariam a face de Portugal acabando com a miséria e o sub-desenvolvimento, democratizando e espalhando instrução e cultura, construindo habitações, melhorando a previdência, alargando o sistema de saúde, cobrindo o país com estradas, escolas, aeroportos, hospitais, creches, etc.; proporcionando alimentos mais abundantes e baratos, e a verdade, dizia eu, é que todos esses patifes e malditos paridos pelas sarjetas e cloacas da revolução, nada, mas mesmo nada fizeram em favor dos portugueses; a acção de todos aqueles trafalhas e aldrabões, civis e militares, em danada concorrência de malfazer, acabaram por colocar o país numa situação de catástrofe, cujos frutos bem amargos são visíveis na miséria que já esmaga os mais humildes, na fome que já se amontoa nas escadarias das igrejas, nos passeios e esquinas das ruas, na escassez e brutal encarecimento dos géneros de primeira necessidade, na mole imensa e sempre crescente dos desempregados, na escalada incontrolada da inflação, na queda vertical do valor da moeda e do poder de compra, na degradação do ensino, na ausência do investimento, na falência vertiginosa das empresas, na rápida deterioração das infra-estruturas e equipamentos básicos, na anemia e ineficácia dos serviços públicos, no aumento criminoso da dívida externa, no total descrédito da administração e na aviltante humilhação do país que volta a ser considerado o doente crónico e incurável da Europa, etc., etc..

Os políticos e os governantes responsáveis pelos destinos dos portugueses durante estes últimos anos têm sido a vergonha e o opróbrio de todos quantos os elegeram, e, também, a punição severa para quantos se julgaram dispensados das renúncias e dos sacrifícios exigidos pela defesa contra o pertinaz e raivoso assalto, conduzido durante treze anos pelas internacionais socialistas e comunistas, durante a qual lutaram e imolaram suas vidas os melhores e mais generosos filhos de Portugal.

Os bons portugueses certamente não duvidam que a glória e a honra são devidas aos vencidos pela traição, mas estão seguros que os traidores, militares e civis, jamais serão lembrados pelos vindouros, salvo para serem postos no patíbulo da infâmia e da desonra, amarrando-os aos malditos que têm em Miguel de Vasconcelos o seu modelo, agora ultrapassado pela enormidade do impressionante crime cometido contra a unidade e a grandeza de Portugal.

Porém, apesar da catástrofe ainda em curso, está em nós, portugueses, o dever de tomarmos consciência da gravidade da situação e de assumir a determinação de lhe pôr cobro de uma vez para sempre.

É porque o amor à Pátria não é susceptível de ser partilhado com internacionalistas nem de ser defendido por mercenários cubanos ou outros será inútil esperar que os estrangeiros se disponham a fazer aquilo que nos pertence e é de nosso estrito dever: punir e expulsar os bandalhos e traidores, e assim, salvar a Nação e libertar Portugal!

Carlos da Costa Campos e Oliveira

preparadas com serviço de restaurantes para apoio ao público, tipos e géneros decorativos a empregar nos carros e na Av. José da Costa Meilha onde se dará o desfile e outros assuntos e hipóteses mais, a estudar e a tomar desde já em consideração.

Pelo que nos foi dado constatar, foi tangível o propósito de impulsionar o relançamento do Carnaval de Loulé em moldes internacionais e ao mesmo tempo incrementar o turismo, precisamente num período em que esta actividade regista fraca rentabilidade.

J. C. V.

LOULÉ



### AGRADECIMENTO

MENINO LUÍS MANUEL  
MADEIRA DA PALMA

Seus pais, José António da Palma e Elvina M. Madeira Figueira da Palma, e restante família, rezeando cometer qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas de todas as pessoas que de qualquer forma compartilharam da sua dor, vêm tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se dignaram acompanhar o saudoso extinto à sua última morada, numa sentida manifestação de pesar que não poderemos esquecer.

### VENDE-SE

Enciclopédia inglesa (collier's enciclopédia) e máquina de filmar inglesa.

Tudo em bom estado e preços acessíveis.

Nesta Redacção se informa.



## CASAS PRÉ-FABRICADAS

A SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA HABITACIONAL:

Para as suas férias, garagens ou armazéns!

- Coloque-a onde quiser
- Quando quiser
- Desloque-a quando quiser.

São elegantes, resistentes, têm longa duração e garantia.  
Instalação rápida.

FORNECEMOS TUDO PARA CARPINTARIA:

ASNAS PRÉ-FABRICADAS EM MADEIRA, PORTAS, ADUELAS, RODAPÉS, ETC.

COLAS PARA MADEIRA E DE CONTACTO

TAMBÉM VENDEMOS PONTAS DE VARAS EM EUCALIPTO PARA CONSTRUÇÃO DE ESTUFAS.

Consulte os nossos preços e peça-nos orçamentos

## EMPRESA DE CONSTRUÇÃO DE CORGO, LDA.

Rua Arco do Pinto, 2 — Telef. 63068 e 65643  
LOULÉ

## FLAPASTAL

Fábrica de Plásticos do Algarve, Lda.

Bom João - Zona Industrial - FARO  
Telef. 2 34 35  
Caixa Postal - 66

TUBOS, MANGAS, SACOS LISOS E IMPRESSOS



Deseja aos seus Clientes e Amigos

BOAS FESTAS E PRÓSPERO ANO NOVO

## JULGADOS E CONDENADOS OS AUTORES DE ROUBOS PRATICADOS EM ESTABELECIMENTOS DE LOULÉ

No passado dia 20, foram julgados e condenados pelo Tribunal da Comarca de Loulé, depois de comprovados os delitos de roubo cometidos nos estabelecimentos «Tentação» e «Zá-Zá», Maria Manuela Reis de Sousa Abreu Maia, de 48 anos, Anabela Reis de Sousa Abreu Medeiros, de 29 anos, e Elsa Maria de Sousa Abreu Maia, de 17 anos.

As duas rés mais velhas apañaram 130 dias de prisão, substituídos por multa remível a 60\$00 por dia e ainda a multa de 25 dias, à razão de 60\$00/dia, igual à multa de 9 900\$00.

As pessoas lesadas foram indemnizadas em 5 000\$00 (a prima do proprietário do estabelecimento «Tentação») e 3 000\$00, à sapataria «Zá-Zá».

A ré, de 17 anos, a pena foi suspensa por 2 anos.

Os furtos cometidos nos estabelecimentos «Tentação» e sapataria «Zá-Zá», desta vila foram respectivamente de 4 950\$00 (roupas) e 3 050\$00 (calçado).

—//—

Nos comentários ouvidos, depois do desfecho do julgamento, houve quem censurasse o facto dos autores dos furtos terem saído em liberdade.

Contudo, também, ouvimos quem lembrasse, que embora o nosso país seguisse na cauda da Europa em muitos aspectos, no tocante proporcionalmente, ao número de presos, era um dos primeiros, o que decerto muita gente não sabe.

## MUSEU NACIONAL DO TRAJO

### DÁ INÍCIO À NOVA FASE DE RECOLHA DE INDUMENTÁRIA REGIONAL

O Museu Nacional do Trajo, está agora, depois de se ter previamente quase circunscrito à área de influência de Lisboa, a dar início a nova fase de recolha de indumentária regional, noutras zonas do país.

No sentido, portanto, de dar continuidade à sua iniciativa a direcção daquele Museu contactou por escrito com a Câmara Municipal de Loulé.

É deste teor a carta aludida:

«Como é do conhecimento de V. Ex.<sup>a</sup>, foi inaugurado em Lisboa a 26 de Julho p. p. o Museu Nacional do Trajo.

No âmbito de uma política cultural que se tem vindo a definir, a criação deste Museu impunha-se com urgência para que se dispersasse não só todo o material relacionado com os processos de feição, tecelagem e estampagem de tão longas tradições no nosso país mas também para reunir os mais expressivos testemunhos da arte de vestir através dos séculos. Arte decorativa por excelência, o trajo exprime do Minho ao Algarve o gosto de um povo, o seu modo de vida.

Recolhemos já cerca de 8 000 peças na sua maioria oferecidas e provenientes especialmente de Lisboa. Criado o Museu há pouco mais de um ano e meio o seu campo de acção tem-se estendido como primeiro círculo, à capital. Iniciamos agora uma nova fase — a recolha de peças de todas as províncias portuguesas.

Por este motivo, por considerarmos de muito interesse para a cultura nacional o nosso projecto e necessitarmos para tal de ajuda local nos dirigimos a Vossa Excelência para que nos informe da possibilidade de oferta pelo Município a que ilustremente preside, de peças de indumentária regional usadas na área abrangida pelo Município. Pretendemos originais e não reconstituições, dando preferência aos mais antigos.

Estou certa de que V. Ex.<sup>a</sup> irá colaborar nesta recolha de tanto interesse para deixar às novas gerações a imagem da arte de vestir do povo em Portugal.

Agradecendo a atenção e aguardando sugestões, apresento os meus respeitosos cumprimentos.

Natália Correia Guedes

Directora»

ANÍBAL SANCHO

ALEXANDRE

SOLICITADOR

Rua da Trindade, 12-1.º-Esq.

Telef. 24505 — FARO

(4-3)

J. Luís Brito  
da Mana

ADVOGADO

ESCRITÓRIOS:

Rua de Santa Justa, 82-1.º

Telef. 321505 — LISBOA

Rua da Trindade, 12-1.º-Esq.

Telef. 24505 — FARO

(4-3)

## BIOGRAFIA E ENTREVISTAS

### sobre o Dr. Ataíde Oliveira e sua obra literária

Por entendermos conveniente e mais conforme à nossa campanha pró-reedição da obra literária do Dr. Ataíde Oliveira, decidimos anteceder ao ciclo de entrevistas com personalidades de reconhecida craveira intelectual e cultural, a publicação de uma detalhada biografia do autor vertente.

Pela alteração havida, que esperamos seja plenamente compreendida, aqui fazemos a devida rectificação, não deixando, no entanto, de apresentar as nossas escusas.

Assim, o próximo número de «A Voz de Loulé», dará prévia saliência à biografia do Dr. Ataíde Oliveira, acompanhada de uma rara fotogra-

fia, seguindo-se, depois, nas edições seguintes, a série de entrevistas programadas, que serão inseridas pela ordem cronológica da sua recepção neste jornal.

## INFLACÇÃO

A Espanha atingiu, em fins de Setembro, a mais forte taxa anual de aumento dos preços e de inflação de todos os países da O. C. D. E.: 29,5 por cento. No mesmo período, em Portugal, o aumento foi de 28,9.

## Situação grave da Indústria Hoteleira e Turística Algarvia

(continuação da pág. 1)  
estão a exigir o pagamento das dívidas e empréstimos.

Acresce que a actual taxa de ocupação se mostra desanimadamente mínima e bastante inferior à esperada. Por exemplo citamos os casos dos seguintes hotéis: actualmente (reportamo-nos à data de 15 de Dezembro), o Hotel Balaia tem 18 clientes, o Dom Pedro 17, o Toca de Coelho 15, o Júpiter 30, o D. Filipa 18, o Hotel da Rocha 12 e o Sol e Mar 18. O Viking e o Auramar estão encerrados, neles decorrendo obras.

Os nove hotéis citados empregam o número (pelos vistos desproporcionado) de cerca de 1 000 funcionários.

Concorrem para esta baixa ocu-

pação, certos sintomas de perturbações laborais e a actual indefinição política, com um Governo só de gestão corrente e a administração meio paralizada, as quais estão a reflectir-se negativamente na imprensa holandesa, inglesa, alemã e suíça e consequentemente na opinião pública desses países.

Registraram-se já, entretanto, cancelamento de aviões (Laker, Arrowsmith) e atrasos no início de programas (Horizon, entre outros).

Para maior consternação dos empresários e meio hoteleiro, parece que o plano de emergência para o Algarve, anunciado há meses pela Direcção-Geral de Turismo, não entrará tão breve, quanto se aventaria, em prática.

## Para o seu NATAL

Deve comprar o

Bolo Rei AMAZONA

NAS PASTELARIAS E SUPERMERCADOS

AMAZONA

EM LOULÉ, LAGOS, ALDEIA DO MAR,  
ALDEIA DE GOLF E VALE DO LOBO

★

ACONSELHAMOS TAMBÉM A NOSSA:

PASTELARIA FINA — BOLOS DE NOIVA  
E DE ANIVERSÁRIO — DOCES REGIONAIS,  
D. RODRIGO, ETC., ETC.

★

NOS SUPERMERCADOS AMAZONA ENCONTRA  
TAMBÉM GRANDE SORTIDO DE GARRAFEIRA  
E DE CHOCOLATES.

DESEJAMOS A TODOS OS NOSSOS CLIENTES  
PROSPERO ANO NOVO.



Um  
automóvel  
para si

Os elevadíssimos preços dos automóveis novos aconselham a pensar na aquisição de um veículo em 2.ª mão. Nós podemos servi-lo bem em preços, em qualidade e em honestidade de processos de trabalho.

Por isso é extremamente vantajoso para si que, antes de se decidir pela compra de um automóvel de confiança ou se pretende trocar ou vender o seu, contacte com

STAND MEALHA

Rua Serpa Pinto, 20 ★ Telef. 62166 ★ LOULÉ

Torne mais acolhedor o seu lar

COMPRANDO NA

CASA SIMÃO

as mobílias que mais goste ou os móveis avulso  
que mais se harmonizem no ambiente da sua casa

Para DECORAÇÕES — ESTOFOS — COLCHOARIA  
VISITE A

CASA SIMÃO

A MOBILADORA

ANTÓNIO SIMÃO VIEGAS, LDA.

Praça da República, 8 — Telefone 62110 PPC

Filial: 34, Avenida Marçal Pacheco, 49 a 51

LOULÉ

# Agitada sessão da Assembleia Municipal de Loulé

(continuação da pág. 1)  
ceder ao ponto 2 do Art.º 52.º do Regimento, que confere ao presidente o voto de desempate em escrutínio secreto, que decorrentemente fica de posse de opção.

Depois a Dr.ª Odete Guerreiro, mediante assentimento da mesa, procedeu à leitura de um «manifesto» dos pequenos e médios agricultores algarvios contra o voto de protesto da minoria PS na Assembleia Municipal de Loulé, que lhe havia sido entregue, a rogo, pela direcção da Associação dos Agricultores da Comarca de Loulé (que, por falta de espaço só no próximo número publicaremos), a qual gerou, por parte de alguns membros, contestações quanto ao sentido da dita «minoridade PS».

Assim, no parecer desses membros, o enunciado do manifesto dava a entender que o PS estava na Assembleia Municipal em minoria, quando na realidade estava em maioria.

Outros opinaram que não era esse o sentido pretendido, e, sim, que no consenso político do país o PS constitua, com efeito, uma minoria.

Aclararam-se, entretanto, as intervenções e em resultado da votação que se seguiu foi lido pelo secretário da mesa, sr. Carlos Serôdio, «a moção apresentada pelos membros do PS» na sessão anterior (cujo conteúdo divulgaremos, na íntegra no próximo número) que tinha sido objecto, por seu turno, de aprovação maioritária, por parte da facção PS.

Os reparos adicionais pelo secretário, relativas às manifestações da CAP em Loulé mais acentuaram o fervor da discussão, que só não alastrou mais, por intervenção moderadora do presidente da mesa, não obstante a determinado passo, a Dr.ª Odete Guerreiro, se ver na contingência de acentuar, repetidas vezes, que na qualidade de membro do PSD, nem ela nem o seu partido político estavam vinculados ao documento por ela lido (manifesto dos pequenos e médios agricultores de Loulé) e que nem sequer o defendia.

Uma vez que também se havia inscrito para as intervenções, o componente da A. M. L., sr. José F. Torres, pretendeu enunciar um reparo, reparo que não concluiu, referente à terminologia usada na «moção dos membros PS» e sobre «as políticas que era preciso deixar lá fora, posto que o presidente da mesa interditou a continuação do debate, sob a alegação de que não consentia que a sessão se convertesse num comício político.

Entretanto, a mesa constituída recolheu o «manifesto dos agricultores de Loulé», para que ele constasse, textualmente, em acta.

Após isso foram concedidos 10 minutos de intervalo.

Reatada a sessão, deu-se início ao número um dos trabalhos da agenda, e que se referia à definição da cerca da Avenida.

Logo aí também, se interpôs discussão, porquanto, surgia prioritariamente, para apreciação uma proposta do PS antes da proposta preparada pela comissão para o efeito nomeada.

Veio, contudo, a esclarecer-se que entre os proponentes se estabeleceu prévio entendimento para que assim se procedesse, porquanto os dois documentos se completavam, reciprocamente.

Mesmo assim, uma vez que aparentemente se não seguia a ordem de trabalhos gizada decidiu-se recorrer à votação que escolheu, para primeira leitura, a proposta da ala PS.

A seguir a uma explanação que teve por base a crise habitacional reinante e a especulação criada em torno dos terrenos urbanizáveis, a proposta PS, encerra com uma moção e recomendação, cujos termos finais respigamos:

«1.º — Demolição ou modificação de fachadas na Avenida só poderá ser efectuada com autorização resultante de deliberação por maioria absoluta dos membros da Câmara Municipal, em sessão pública;

2.º — A discussão e deliberação anteriores serão feitas em face de pareceres fundamentados de técnicos qualificados, competentes e desinteressados, que se pronunciarão sobre a qualidade arquitectónica dos edifícios a demolir como a transformar, bem como a sua inscrição no conjunto da avenida;

3.º — Qualquer alteração ou modificação que não possua autorização dada nos termos anteriores, implicará o embargo imediato da obra e a reconstrução, pela Câmara Municipal, da fachada do edifício tal como estava anteriormente, além da aplicação do máximo de penas que a lei permita».

Em seguida, embora o presidente tenha esboçado o propósito de sujeitar a anterior proposta à votação, teve lugar a leitura da proposta elaborada pela comissão nomeada.

A proposta da Comissão constou de dois capítulos, a saber: o «História da Habitação» e o «Objectivo».

No capítulo «Objectivo» (que mais interessa frisar), a proposta expressou-se da seguinte forma:

«É portanto fruto deste historial, e depois que foram ouvidos vários técnicos na matéria da construção de habitação tais como, engenheiros, arquitectos, serviços oficiais como o Gabinete de Planeamento do Algarve, ouvida a opinião de algumas dezenas de industriais do sector, a Associação dos Industriais da Construção de Edifícios, a Associação de Empresas de Construção e Obras Públicas do Sul, a de análise cuidada da proposta apresentada pelo Partido Socialista na reunião da Assembleia Municipal de 18-10-77, em documento com a mesma data, a Comissão, então nomeada, apoia a congruência-se com as intenções expressas nesse documento e, em seu apoio, na intenção de lhes dar a maior viabilidade prática, propõe a esta Assembleia Municipal, o seguinte:

«1.º — Que as cercas e a volumetria geral dos edifícios da Avenida José da Costa Mealha sejam justificados por estudo técnico devidamente instruído.

2.º — Estando em curso o estudo da expansão nordeste da Vila, que será prolongamento do aglomerado a partir da Avenida e com aquela orientação, nele seja incluído o estudo volumétrico das construções na referida Avenida dando assim satisfação ao proposto no ponto anterior».

Nova discussão se entabulou, desta feita em face a algumas interpretações dadas aos textos das duas propostas que se supôs antagónicas.

A discussão foi então suspensa, por um novo intervalo.

Reatada a Assembleia e acalmados os ânimos de alguns (que fervem em pouca água e levam os assuntos para o âmbito pessoalista), foi ouvido o membro sr. José Torres (da ala PSD), que alvitrou o seguinte:

1.º, que fossem aprovadas as duas propostas, da comissão nomeada e do PS; 2.º, que os dois documentos fossem apresentados à Câmara, para esta os sujeitar à apreciação dos técnicos encarregados do Plano Nordeste; 3.º, não limitar as cercas da Avenida a 4 andares; 4.º, formular um voto de louvor à comissão nomeada, constituída pelos srs. José Pereira Pires, Manuel Sousa Lima e Abílio Antunes Martins.

Este alvitro foi aprovado por maioria.

No prosseguimento, e já no ponto dois do programa de trabalhos, coube a Dr.ª Odete Guerreiro (da ala PSD), dar a conhecer o trabalho executado pela comissão encarregada de redigir o regimento da Assembleia Municipal, tendo proposto, em relação à Lei das Autarquias Municipais alguns ajustamentos de pormenor, que mereceram inteira aprovação, desfeitas que foram algumas dúvidas.

Entrou-se então no ponto terceiro da ordem de trabalhos, com a leitura do Plano de Actividades e Resumo do Orçamento para o ano de 1978 da Câmara Municipal de Loulé, documento este precedido de uma nota introdutória e relação extensa que conglomerava obras planeadas e que, muito sinteticamente (devido à vasta enumeração) aqui as designamos pelos títulos que as encimam: electrificação, instrução, estradas e caminhos municipais, arruamentos, águas e esgotos, que abrangem todo o amplo concelho de Loulé.

No preâmbulo deste documento, a Câmara de Loulé destaca «a impossibilidade de se poder elaborar um plano de actividades numa data em que não se conhecem concretamente as verbas com que poderemos contar para fazer face aos encargos». E mais adiante esclarece as motivações que presidiram à feitura do Plano das Actividades para 1978: «...tendo em atenção que, em face à Lei, terá de ser apresentado um plano de actividades, foram gizadas linhas de rumo que levaram a Câmara a considerar indispensável auscultar as Assembleias e Juntas de Freguesia do concelho por forma a tomar conhecimento das suas principais aspirações e, bem assim, qual o grau de prioridades que, no entender desses órgãos, deveriam ser estabelecidos após essas reuniões que tiveram lugar nas sedes das freguesias...».

No Resumo do Orçamento, o montante da «Despesa» (igual ao da «Receita») ascende a 182 092 217\$00, assim distribuídos: Despesa Ordinária, 43 083 006\$00; Planos de Urbanização, 1 500 000\$00; Estradas e Caminhos, 1 357 465\$60; Equipamento Rural e Urbano, 38 098 351\$40; Saneamento Básico (Água e Esgotos), 43 603 394\$00; Aquisição de terrenos para expansão urbana de Loulé, 39 500 000\$00 e Outras Obras, 2 950 000\$00.

Sucederam-se depois os consequentes reparos, uns sobre a própria definição de plano de actividades, porquanto ainda ignoradas as verbas a atribuir, outras sobre aspectos de obras relacionadas com problemas locais, das freguesias e povoações periféricas, designadamente, sobre a rede de esgotos de Querença, sobre escolas e fontanários em Alte para fornecimento de água, electrificação de Quarteira, cuja corrente se manifesta de fraca tensão. O representante de Boliqueime salientou que solicitara à Câmara a entrega de uma verba visto que, com a colaboração da população se faria mais, do que propriamente a «máquina» camarária, com a mesma verba.

Perante as interpelações o presidente do Município de Loulé, sr. Andrade usou da palavra para esclarecer e dar resposta às interrogações que lhe foram postas (algumas incrivelmente confusas).

Começou por aludir ao prefácio do «Plano de Actividades», que deixa entender, devido ao desconhecimento do quantitativo das verbas a atribuir a Loulé, que este, de «Plano» só tem o rótulo, posto que a Câmara não

tem receitas próprias e a tal autonomia financeira não existe. Ao orçamento suplementar caberá um papel corrector e estabelecer a ordem de prioridades. Por outro lado, lembrou que o problema de esgotos de Querença transcende a jurisdição camarária e que competirá, também ao Gabinete de Planeamento, estabelecer, segundo o seu critério, a sua ordem de prioridades, pois no saneamento básico, quando se planeja o abastecimento de água também, simultaneamente, se planeja a rede de esgotos.

Outros esclarecimentos mais aflorou, designadamente, sobre as verbas não gastas que continuam a pesar sobre os orçamentos, pelo caso das estradas de Querença cujas obras só agora irão ser adjudicadas; sobre Boliqueime, apoiou a opinião do seu representante na Assembleia; sobre a

## 25 anos de trabalho a bem da colectividade

Por lapso da tipografia, não saiu assinado o artigo que, sob este título, publicámos no n.º 653 deste jornal e que é autor o nosso amigo Joaquim de Sousa Piscarreta, natural de Lagos, e a quem aproveitamos para agradecer as amáveis palavras que nos dirige a propósito das Bodas de Prata de «A Voz de Loulé».

## A florestação da Serra do Concelho de Loulé

por ANTÓNIO DE SOUSA PONTES

Em 1960 publicámos neste jornal um estudo económico sobre a volarização do nosso Concelho, que intitulámos «A pobreza e a riqueza do Concelho de Loulé».

E dissemos que entre os 766 km<sup>2</sup> da sua área 243 km<sup>2</sup> estavam incultos a partir do inquérito feito pelo Serviço de Recuperação e Ordenamento Agrário (SROA), da Direcção G. S. Agrícolas, em 1950.

E informámos, em 1960, que a recuperação, a trazer da floresta, dos referidos 243 km<sup>2</sup>, equivaleria a aumentar a riqueza do concelho em 67 000 contos por ano, no fim de 30 anos após a plantação.

Tal afirmação poderíamos fazê-la porque a ouvimos da boca do eng.º silvicultor Manuel Gomes Guerreiro, na presença do Director Geral dos

fraca corrente eléctrica de Quarteira, salientou que o problema não havia sido descuido pelo representante da C. M. L. na Federação dos Municípios de Faro e recordou que só a partir de 75 é que se procedeu ao estudo, topográfico seguido de projecto e que, além disso, se verifica impossibilidade das empresas, que devido aos problemas da falta de materiais produzidos pela indústria nacional não podem cumprir com os prazos, de compromisso, assumidos. Como exemplo, apontou o caso da Federação que não tinha (na ocasião) uma única lâmpada para substituir.

(continua na pág. 6)

## Insólito acontece nas eleições para os corpos gerentes do Sindicato da Indústria Hoteleira

Pelo que nos foi dado saber diversos trabalhadores dos Organizações Hoteleiras Fernando Barata e de outras empresas congêneres, em situação sindical regular, foram impedidos de fazerem uso do seu voto em Albufeira, nas eleições para os Corpos Gerentes do Sindicato da Indústria Hoteleira.

Motivo: não constarem nos cadernos eleitorais.

Pelo inusitado do sucedido estabeleceu-se naturais controvérsias e escândalo.

Serviços Florestais de então. E mais, que tais números tinham resultado do estudo aturado dos silvicultores e economistas e fundamentado nos resultados práticos da arborização efectuada noutras zonas. Ela tinha demonstrado que as indústrias montadas com base na floresta, dão ao respectivo terreno rendimentos superiores aos que teria, se nele se tivesse instalado a cultura arvense — no caso de o terreno o ter permitido.

O nosso estudo de 1960 deverá oportunamente ser confrontado com as contribuições pagas nos últimos três anos, em cada um dos concelhos do Algarve, para se verificar até que ponto a florestação, as indústrias e estações montadas em cada um dos concelhos, desde 1960, modificou a captação de impostos de rendimento respectivos. A área total do Algarve são 5 072 km<sup>2</sup>.

ÁREA INCULTA EM 1950 E EM 1973 E SUA VARIAÇÃO, EM Km<sup>2</sup> NOS 5 072 Km<sup>2</sup> DO ALGARVE

Concelhos	Existência em:		Variação para menos
	1950	1973	
1 — Albufeira	26	3	23
2 — Alcoutim	516	156	360
3 — Aljezur	200	128	72
4 — Alportel	74	16	58
5 — Castro Marim	218	89	129
6 — Faro	21	4	17
7 — Lagoa	17	3	14
8 — Lagos	76	43	33
9 — Loulé	243	122	121
10 — Monchique	192	157	35
11 — Olhão	26	3	23
12 — Portimão	78	24	54
13 — Silves	315	155	160
14 — Tavira	398	126	272
15 — Vila do Bispo	102	73	29
16 — Vila Real de Santo António	21	2	19
Totais	2 523	1 104	1 419

A. de Sousa Pontes

PARA AS FESTAS QUE SE AVIZINHAM

PREFIRA O

**BOLO-REI DA LOULEPÃO**

O MAIS SABOROSO

O MAIS ATRAENTE

PROVE O BOLO-REI DA LOULEPÃO

Contacte connosco pelo telef. 62019

LOULÉ

# DE QUE LADO ESTÁ A «VOZ DE LOULÉ»?

(continuação do n.º anterior)

— Do lado daqueles trabalhadores honestos que têm a consciência de que não é afundando as empresas que se defendem os seus próprios interesses.

— Do lado dos que aspiram viver uma sociedade mais justa, mas onde as pessoas não corram o risco de ser fuziladas... só porque são «fascistas».

— Do lado oposto aos que apreçoam a democracia... para a matarem com a imposição de um único partido... que cala a força da razão com a força das armas.

— Do lado daqueles que recusam a fome, a miséria, o trabalho escravo, a degradação social, a denúncia mais pulha, o insulto mais nojento, o terror mais cruel, o ódio mais inhumano e cego, a fúria mais raivosa das trevas infernais do triste abismo em que foram lançados os povos de Angola e Moçambique (e não só).

— Do lado oposto daqueles que pretendem «botar figura» num palco para insultar indivíduos honestos, só porque não compartilham das suas ideias políticas.

— Do lado dos que recusam o «passaporte interno» para se movimentarem no seu próprio país e que preferem as liberdades proporcionadas pelos países sem «muros da vergonha»... que são um ultraje, uma provocação e um atentado aos direitos do homem.

— Do lado dos que entendem que os trabalhadores devem lutar em defesa dos seus próprios e legítimos interesses, sem que sejam obrigados a seguir fanaticamente as ordens dos sindicatos que os manipulam para servir interesses estrangeiros.

— Do lado dos que preferem o trabalho disciplinado e honesto, criador de riqueza e prosperidade, em vez da ladrocinha incontrolada que tudo devora e saqueia, semeando a fome e a miséria à sua volta.

— Do lado daqueles que nunca acreditaram que o comunismo pudesse proporcionar melhor justiça social, mais pão, paz, habitação; por saberem que, onde chegam, sempre espalharam o ódio, a guerra, o ter-

ror, a miséria e a degradação social. (Os exemplos são tão flagrantes que só os «cegos» não querem ver).

— Do lado dos que acreditam que só a prosperidade pode fazer o homem feliz. A miséria não pode proporcionar felicidade a ninguém, porque a sua única vantagem consiste em não excitar invejas.

— Do lado dos que têm a certeza que a reforma agrária mais não é do que uma manobra do P. C. P. para destruir este país da maneira mais rápida e ignóbil.

— Do lado dos que se comovem com a santa ignorância de tantos analfabetos por falta de escolas que não se construíram e do lado contrário daqueles que criticando os outros mas nada fizeram ainda para remediar essa chaga nacional que é o analfabetismo.

— Do lado dos que preferiam que no 25 de Abril se tivesse desencadeado neste país uma guerra à miséria em vez de se ter desencadeado uma guerra ao dinheiro, pois só há miséria onde não há dinheiro para a exterminar.

— Do lado dos que detestavam a PIDE e dos que detestam a KGB... porque ambas as polícias simbolizam a repressão ao mais nobre sentido humano: o pensamento.

— Do lado dos homens honestos e empreendedores, cujo amor ao trabalho, espírito de iniciativa e dinamismo, tornou possível a criação de indústrias que são o alicerce da vida da Nação e proporcionam trabalho, pão, habitação e tranquilidade e melhores salários a milhares de trabalhadores, alguns dos quais ainda não escondem o seu ódio aqueles que lhes deram a mão e melhores condições de vida. E também aqueles outros que desenvolveram o comércio, a agricultura, a pecuária e muitas outras actividades e cujo labor incessante contribuiu para a prosperidade de um povo que, no fundo, pretende viver bem e feliz.

— «A Voz de Loulé» está do lado dos portugueses lúcidos, patriotas e conscientes das suas responsabilidades históricas que lutam para que uma Nação de 8 séculos se mantenha

una e independente no seu diminuto espaço geográfico.

— Do lado dos que disseram NÃO a uma ditadura de 50 anos e que dizem agora NÃO a uma ditadura perpétua.

— «A Voz de Loulé» está do lado dos que entendem que a iniciativa privada é a força estimulante para que qualquer homem se realize e dinamize a vida duma Nação.

— Dos que se recusam aceitar uma nova ditadura, que transformaria este país num novo e terrível Arquipélago de Gulag onde só os novos privilegiados do partido único teriam o direito de viver burguesmente.

— Está do lado dos que entendem que os nossos professores «progressistas» deveriam ir para Angola ensinar português aos angolanos... antes que os cubanos ensinem espanhol. Realizavam-se como marxistas-leninistas e deixavam as nossas crianças em paz.

— Do lado dos que recusaram o regresso à escravatura, através da criação de um Estado-todo-poderoso, ao serviço do qual todos teriam que trabalhar... sem refilar.

(Conclui no próximo número)

## Viagem às Civilizações milenárias

### 6 — A ACRÓPOLE

Mais uma volta de autocarro, pois torna-se impossível conhecer Atenas a pé, em poucos dias.

Um trânsito intenso a qualquer hora, desde as sete da manhã à meia noite. De vez em quando notamos os imprescindíveis engarrafamentos. Então os taxistas, com o seu internacional complexo de superioridade quando estão ao volante, barafustam por tudo e por nada, dando a única nota antipática ao trânsito citadino.

Percorremos agora a avenida da Rainha Alexandra, depois a 28 de Outubro, a Rua do Estádio, de muito comércio, a Rua da Rainha Sofia, a das embaixadas e residencial; segue-se o Palácio Real, do antigo rei Constantino agora exilado em Londres; logo a seguir, num prédio vulgaríssimo (e pareceu-nos sem guardas) a residência do Primeiro Ministro Caramalis, que habita num vulgar 2.º andar.

Temos à nossa frente, na viagem que continuamos a fazer de autocarro, o conhecido Estádio Olímpico de Atenas, construído em 1896 sobre as ruínas do antigo recinto do século VI antes de Cristo, onde se faziam os célebres jogos olímpicos do mundo antigo, em honra de Zeus, o deus dos deuses na mitologia grega, de 4 em 4 anos. Este estádio foi feito propositadamente para se fazerem os primeiros jogos olímpicos da era moderna; comporta 70 000 espectadores e é dedicado somente à prática do atletismo clássico. Em 1896 ainda não se pensava em futebolis...

Abandonamos o autocarro quando ele estaciona junto à colina da Acrópole, a mais conhecida e histórica da Grécia. Junto a ela, a poucos metros, os rochedos do Areópago, o tal que servia de tribunal público e ao ar livre. Também do alto destas pedras, os oradores falavam às multidões. Fechámos os olhos e imaginámos ver S. Paulo neste mesmo local a falar ao povo ateniense, sobre a nova fé cristã; isto, no ano 51 da nossa era.

Começámos a subir as escadarias da Acrópole; primeiramente surge-nos o primeiro teatro que existiu no mundo: o Teatro Dionísios. Está reconstruído, leva milhares de espectadores e não necessita de aparelhagem sonora porque as condições acústicas são formidáveis. Principalmente no verão e dedicado aos turistas, costumam haver espectáculos de teatro, de bailado ou música. Para nosso azar, nestes dias não há nada; precisamente no dia já marcado para a nossa saída de Atenas há um concerto pela Orquestra Filarmónica de Viena. Só isto! Paciência. Ainda falando do teatro resta-nos dizer que foi mandado construir por Atticus, um comerciante capitalista da antiga Roma.

No cimo da Acrópole encontramos várias ruínas de pórticos e templos, nas quais se destaca o conhecido Partenon, construído por Fídias e dedicado a Atena, a deusa protectora da cidade. A estátua da deusa, que hoje já não existe, era de ouro e marfim, coberta com um manto de ouro que pesava mais de uma tonelada (os gregos, também, não sabem o que foi feito desse ouro...).

Bem. O panorama que se admirava do alto da Acrópole é para nunca mais esquecer. A cidade de Atenas, espalhando-se com os seus dois milhões de habitantes, parece-nos um brinquedo de fadas.

M. VAZÃO

Próximo capítulo:  
7 — O Bairro da Plaka

## Avaes e mais avaes

Segundo uma informação da Secretaria de Estado do Tesouro, totalizaram a importância de 66 404 550 contos em 31 de Outubro passado os avaes do Estado concedidos a cento e sessenta e quatro empresas públicas e intervencionadas.

EXECUTAR POR EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO DE OBRAS DE INFRA-ESTRUTURA PARA AGRICULTURA E INDÚSTRIA

TEM APARTAMENTOS PARA ALUGAR EM VAREJO E POR FÓRMULA DE JUNTAS DE ALUGUEIRO

CONSTRUÇÃO DE OBRAS DE INFRA-ESTRUTURA PARA AGRICULTURA E INDÚSTRIA

Prédio de 2 pisos, o primeiro para qualquer ramo e o segundo para habitação, sito na Rua de Santo António em Faro.

Trata ANÍBAL SANCHO ALEXANDRE, Rua da Trindade, 12-1.º, Esq.º — FARO. (3-1)

## Campanha anti-tabagística nos recintos desportivos fechados

Desde o dia 1 de Outubro passado que foi vedado fumar nos recintos desportivos fechados, decisão esta que foi precedida e acompanhada de uma campanha de esclarecimento, a qual teve por mister lembrar e consciencializar o público, afecto ao desporto, para a nocividade que tal uso representa, mormente nas ocasiões em que os praticantes dispõem esforços físicos avultados.

Ao que parece, a campanha aludida não foi tão convincente quanto

o pretendido, pelo que se torna novamente pertinente, relembrar que a saúde é um bem que implica quase sempre discernimento colectivo.

Tal precisamente o caso do fumo dos cigarros, provocado pelo assentimento dos recintos desportivos fechados, que pode tornar a atmosfera irrespirável, altamente viciada e poluída, o que está bem de ver, de modo algum beneficia a saúde dos circunstantes, e muito menos dos atletas em competição.

Portanto, não está só em jogo a saúde de quem, nas circunstâncias apontadas, fuma, mas a saúde de outrem, também.

É óbvio, portanto, que para além da interdição, os fumadores compenetrados dos seus deveres cívicos se abstenham do cigarro esporadicamente, enquanto não saírem para o exterior.

A medida proibitiva acima referenciada foi tomada pela Direcção Geral dos Desportos, que está vinculada ao MEIC, pela Secretaria de Estado da Juventude e Desportos.

### CASA DE ARTIGOS REGIONAIS

### Trespasa-se

Por motivo à vista, trespasa-se o estabelecimento de artigos regionais «Casa Tia Anica», localizado em Vale da Venda (estrada de Faro) próximo da Sumol.

Tratar com Maria Gabriela Brito Martins — Largo João XXIII, 27-1.º — LOULÉ.

(10-10)

## Cereais dos Estados Unidos para alimentar a URSS

A Secretaria norte-americana da Agricultura anunciou a venda de cem mil toneladas métricas de trigo à U. R. S. S., possivelmente a primeira de uma série de compras daquele país, há muito tempo esperada, para aumentar as suas reservas de cereais para o próximo ano.

De acordo com números da Secretaria, esta venda foi a primeira feita à URSS a ser oficialmente anunciada, desde Setembro.

As exportações de produtos agrícolas são normalmente feitas através de companhias privadas.

A Secretaria não revelou os nomes das empresas agrícolas envolvidas na venda do cereal.

As cem mil toneladas agora anunciadas elevam para 2,4 milhões de toneladas os cereais, incluindo 1,1 milhões de toneladas de trigo e 1,3 milhões de milho, que a URSS já comprou para lhe serem entregues em 1977-78.

Sob os termos de um acordo a longo prazo, os soviéticos devem comprar um mínimo de seis milhões de toneladas de trigo e de milho, anualmente, durante cinco anos.

No mês passado, os EUA deram licença à URSS para comprar até 15

milhões de toneladas de trigo e milho em 1977-78, com início em 1 de Outubro, e funcionários da Secretaria da Agricultura disseram ser provável que toda esse contingente fosse comprado.

A colheita de cereais da URSS é geralmente avaliada em 194 milhões de toneladas, dez por cento menos do que a dos EUA.

Tradicionalmente, a URSS tem comprado cereais por fases, pelo que o anúncio de segunda-feira levou os observadores a dizer que a nova compra de trigo podia significar entregas regulares de cereais, durante os próximos dias ou semanas.

Os Estados Unidos têm o maior «stock» de cereais desde os anos 60 e o projecto da venda de grandes quantidades à URSS e a outros países representa uma boa notícia para os agricultores norte-americanos, que, nos últimos anos, têm assistido à descida vertiginosa do preço dos cereais.

(Dos jornais)

## PARA QUANDO A ESTRADA CISUL-VALE JUDEU?

De Vale Judeu para a fábrica de cimento CISUL um caminho, ainda longe de oferecer as condições de uma verdadeira estrada.

Acontece que o caminho em questão é muito utilizado, tanto pelos habitantes de Vale Judeu como pelos de Parragil, e de outras localidades próximas, devido às suas actividades rurais.

O atalho que ainda é, se na verdade se transformasse em estrada, poderia beneficiar a própria fábrica de cimento acima referida, além dos habituais utentes que por ali todos os dias transitam, pois viria a encurtar o trajecto que separa esta unidade fabril do apeadeiro dos caminhos de ferro.

Verifica-se, portanto, que é uma necessidade a qual deve merecer a atenção devida.

Em atenção ao anseio que nos foi exposto, aqui deixamos a pairar uma interrogação:

Para quando a estrada Cisul/Vale Judeu?

## Os novos colonizadores de Angola

A República Democrática Alemã vai enviar «Brigadas de Amizade» para Angola, formadas por especialistas económicos e culturais.

## Cartas ao Director

APELO À JUNTA DE FREGUESIA DE S. SEBASTIÃO

Tendo os moradores da Rua Camilo Castelo Branco conhecimento de que os arranjos das ruas depende de parecer favorável da respectiva Junta de Freguesia;

Porque a mencionada Rua se encontra em estado lastimoso, podendo-se afirmar, categoricamente, que nenhuma outra, na freguesia de S. Sebastião, está em tão mau estado; Porque temem que os elementos da Junta de Freguesia desconheçam as péssimas condições da Rua Camilo Castelo Branco;

CONVIDAM os responsáveis pela Junta de Freguesia a «visitar» a referida Rua pois isso seria garantia de que o arranjo da mesma seria prioritária, já que ficariam impressionados com tão mau estado de uma artéria situada em plena vila de Loulé.

Pelo Grupo de Moradores,  
Mariana Gonçalves R.  
Costa Mendonça

LOULÉ



## AGRADECIMENTO

ROBERTO DE OLIVEIRA SANTANA

Sua família, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde do saudoso extinto durante a doença que o vitimou e bem assim a todos aqueles que o acompanharam à sua última morada.

# PESCARIAS DO ALGARVE

Em 1960 publicámos um estudo económico e técnico de fomento do concelho de Loulé, neste jornal, que depois foi reproduzido na revista «Actividades Económicas», de Lisboa.

Esta revista, dirigida pelo nosso colega Dr. Carmona e Costa, era distribuída gratuitamente pelos gabinetes dos Ministérios e viu-se, com frequência, nos gabinetes das direcções dos Bancos e grandes empresas do País.

Aquele nosso estudo está referenciado pelo Centro de Estudos Económicos do Instituto Nacional de Estatística, na sua Bibliografia anual.

As vicissitudes do tempo não nos têm permitido actualizar algumas estatísticas que então coligimos, esperando porém que os novos economistas algarvios se debruçam sobre o problema.

Referimos especialmente ao valor económico do Algarve, discriminado nos seus 16 concelhos, através dos principais impostos de rendimento e respectivos adicionais pagos, em média, nos três últimos anos. Área total cultivada e movimento emigratório, assim como a população residente.

Recebemos, porém, há pouco tempo, do Centro de Estatística e Dados, da Secretaria de Estado das Pescas, uma estatística do pescado de-

descarregou para câmaras apenas em Portimão; o pescado fresco da costa descarregou para as lotas de Portimão, Olhão e Vila Real e a pesca de cerco só descarregou para Lagos, Portimão, Albufeira, Quarteira, Olhão e Vila Real de Sto. António.

O valor em contos, do total descarregado para cada um dos 21 portos algarvios foi em 1975 o seguinte:

Portos	Contos
Olhão	210 943
Portimão	156 590
Fuzeta	44 757
Lagos	39 820
Sagres	36 380
Quarteira	31 818
Santa Luzia	25 180
V. Real de Sto. António	23 887
Tavira	22 503
Faro	13 318
Albufeira	11 811
Salama	7 996
Armação de Pera	5 212
Alvôr	4 516
Burgau	4 076
Barneta (Faro)	3 935
Olhos de Água	2 677
Cabanas	1 849
Arrifana	1 294
Carvoeiro	481
Benagil	294
Fenragudo	13
Total	649 350

Portos de pesca	Valor em contos da pesca desembarcada (média anual)	N.º de pescadores exercendo a pesca em 31/12/1978	Capitação do valor da pesca
Vila Real	43 304	1 108	39 083\$00
Portimão	38 897	1 339	29 049\$30
Olhão	26 436	1 392	18 991\$40
Lagos	14 281	1 024	13 946\$30
Tavira	8 869	1 139	7 786\$70
Fuzeta	7 905	856	9 234\$80
Quarteira	6 056	479	12 643\$00
Albufeira	3 267	385	8 485\$70
Faro	2 650	766	3 459\$50
Totais	151 665	8 488	17 868\$20

sembarcado nos portos algarvios, em 1975, englobando as seguintes modalidades:

	Contos
Artesanal	411 466
Pesca de cerco (sardinha)	134 553
Pescado fresco da costa	100 298
Pescado congelado do alto	3 033
Total	649 350

Como esta Estatística vinha discriminada pelos 21 portos do mar algarvios, através das secções de venda das Casas dos Pescadores e suas delegações, não resistimos à tentação de transcrever os respectivos dados.

As populações algarvias da beira-mar ficam assim a saber onde é maior a actividade piscatória, quer no mar, quer nas rias interiores, visto que o pescado congelado do alto

No estudo económico do concelho de Loulé a que atrás nos referimos, publicámos um quadro com o valor da pesca desembarcada nos portos algarvios nos anos de 1953/57, e sua capitação, com o número de pescadores que normalmente exerciam a sua actividade.

Os Algarvios que conheçam bem os portos do mar da sua Província sabem concertar a comparação os valores deste quadro com os valores da pesca desembarcada em 1975, através das somas dos diferentes portos que pertencem a cada uma das zonas portuárias, no último quadro indicadas.

Quanto à descaída do valor de Vila Real, esperemos que as obras portuárias em curso e o brio natural dos seus naturais reponham os valores nos de há 20 anos.

Lisboa, Novembro de 1977.

António de Sousa Pontes

# Agitada sessão da Assembleia Municipal de Loulé

(continuação da pág. 4)

visto que as encomendas não tinham sido satisfeitas!

Durante a sua explanação, o presidente da Câmara de Loulé, lançou um apelo no sentido de congregar a colaboração de todos, a fim de se fazer alguma coisa de válido pelo País. Aludiu ao caso da construção de três escolas e na dificuldade que a Câmara tem encontrado para obter o terreno necessário, esbarrando com a incompreensão dos proprietários respectivos. Disse, então, que a Câmara estava na disposição de ex-

propriar o terreno pretendido, e que a Câmara tem querido adquirir por venda, até aqui.

Prolongou-se por muito mais a sua exposição (a qual só por falta de espaço temos de encurtar), que deu plena resposta a todas as interpelações apresentadas.

Submetido o Orçamento e o Plano das Actividades referido ao veredicto da Assembleia, esta pronunciou-se através de aprovação unânime.

E esgotado que foi o programa de trabalhos, o presidente da mesa, sr. Domingos Chagas deu a palavra a a circunstâncias, pertencentes à assistência.

Para tal, inscreveu-se o sr. José Inácio, representante credenciado da CAP (Confederação dos Agricultores de Portugal), que pretendeu rebater, e protestar, em termos comedidos contra a moção do PS, tendo sido por diversas vezes interrompido pelo presidente da mesa, que citou o preceituado pelo Regimento da Assembleia, que reserva e restringe o uso da palavra para assuntos de interesse municipal.

Entretanto, sempre com a maior compostura, o sr. José Inácio, tentou expressar o seu repúdio pelos termos em que foi lavrada a moção do PS, dado que esta tinha sido produto da Assembleia Municipal.

Outras duas vezes tentaram também debater o mesmo assunto, mas de igual modo, e sob a mesma alegação baseada nos dizeres do Regimento da Assembleia, lhes foi impedido o uso da palavra.

Voltou novamente o delegado da CAP a insistir e em face dos seus baldados intentos fez menção do dito, acatado por ele durante um dos intervalos, de um dos membros da ala PS, sr. Abílio Mártires, que classificara de «moção suja» a proposta do PS, relacionada com a manifestação da CAP promovida em Loulé.

Fez-se ouvir então uma estrepitosa salva de palmas, tributada pela assistência que até aí não arredara pé e se mantivera sempre com a devida ordem.

Perante o aplauso ecoado, o presidente da mesa, o sr. Domingos

Chagas, baseando-se de que era «proibido bater palmas» na Assembleia Municipal, mandou evacuar a sala, o que toda a assistência ali presente acatou, isclusivamente, o autor destas linhas que placidamente alinhavava, no momento, as respectivas notas.

Temos forçosamente de considerar (em nossa opinião), de infeliz e desastrosa, se não intempestiva, a decisão do presidente da A. M. L., sr. Domingos Chagas, de pôr na rua a assistência (entre ela muitos munícipes de Loulé), só porque já, no termo da sessão e fora da ordem de trabalhos, o público, ou melhor o povo, ali representado, entendeu ovacionar o delegado do CAP.

Temos, naturalmente de discordar e de deplorar a atitude assumida, não democrática, aliás, com que pretendeu arbitrariamente, vincar a sua autoridade e encerrar uma sessão durante a qual o seu comportamento se acomodou a uma conduta moderada.

Deste modo, achamos que, entre a sua actuação (no decurso da reunião) e o desfecho desta, houve uma clara dissonância que não só decepcionou, como por reflexo fermentou franca hostilidade por parte de muita gente, que achou extremamente desproporcionada e prepotente a sua ordem de expulsão.

Como testemunha do ocorrido, que acompanhámos por dever de ofício, reaceámos que alguns ânimos mais exaltados e assomados cometessem, já cá fora, alguns actos impensados.

Ora tudo isto teria sido evitável se o sr. Domingos Chagas, muito diplomaticamente, tivesse dado, pura e simplesmente, por encerrada a sessão da Assembleia Municipal.

Resta lembrar e estabelecer uma correlação: até na Assembleia da República (sessões televisivas) a assistência tributa palmas. Entretanto, apenas e até aqui (isso tem bastado), o presidente da mesma, tem-se limitado a advertências, que logo de pronto são compreendidas e tomadas em consideração.

J. C. Viegas

## Tomo de trespasse

Café Restaurante até 600 contos ou Tabacaria até 300 contos. Resposta detalhada a Joaquim Neves — 630 Fifth Ave Suite 655 New York N. Y. 10020 U. S. A.

## OFERECE-SE

Empregada habilitada para todo o serviço doméstico incluindo cozinha deseja colocação. Tratar na Rua Martins Moniz, 20 — LOULÉ.

(2-1)

## PROPRIEDADE

Pessoa idónea toma de arrendamento, nos arredores de Loulé ou S. Brás. Possibilidade de compra mediante facilidades. Carta explicativa a Antón'o Zagalo — Escola Preparatória — LAGOA.

(2-1)

# 100\$00

Por 100\$00 (menos de quatro litros de gasolina) pode fazer uma longa viagem pelo mundo do humor e da imaginação.

Leia «O CHATO», «o único Jornal «declaradamente» humorístico do nosso País».

Envie uma nota de 100\$00 (ou 2 de 50\$00, ou 5 de 20\$00, etc.), ou selos, vale de correio ou cheque (com cobertura que os «chatos» somos nós) para:

«O CHATO» — Apartado 249 — COVILHÃ

e receberá, na volta do correio, um exemplar de todos os números saídos até esta data.

Reuna toda a colecção e... escagache-se a rir.

Preencha o cupão e envie para a morada indicada, HOJE.

Nome ..... Morada .....  
Localidade .....  
envia 100\$00 em dinheiro, vale de correio n.º ..... Cheque n.º .....  
sobre o Banco ..... ou selos de correio (risque o

que não interessar e preencha o que disser respeito ao que escolheu) para pagar uma colecção de todos os números de «O CHATO» saídos até hoje.

«A VOZ DE LOULÉ»



## QUER CONSTRUIR OU COMPRAR A SUA HABITAÇÃO?

A EMPRESA DE CONSTRUÇÕES DO CORGO, LDA, EXECUTA POR EMPREITADA OU ADMINISTRAÇÃO DIRECTA, CONSTRUÇÕES INDUSTRIAIS E RESIDENCIAIS

TEM APARTAMENTOS PARA VENDA EM QUARTEIRA. CONSULTE-NOS. PEÇA-NOS ORÇAMENTOS.

TELEFONES 63068 e 65643

RUA ARCO DO PINTO, 2 EM LOULÉ

(5-1)

## RANCHO FOLCLÓRICO INFANTIL DE LOULÉ ESTREIA-SE NA ARTE CÊNICA

(continuação da pág. 1)

danças populares regionalistas algarvias se comportam como gente grande e fazem jus a encomiosos acolhimentos com que têm sido contemplados onde quer que se apresentem.

Pelo que ao público (que lotou por completo o Cine Louletano), foi dado apreciar, é de esperar que o grupo teatral pertencente ao Rancho Infantil de Loulé, venha a coleccionar no seu cartel, tantos êxitos na expressão cénica, como está a amontoar nas suas exibições de coreografia folclórica.

Aqui deixamos consignados, também, os nossos aplausos de incitamento e um aceno de simpatia aos elementos do Rancho Folclórico Infantil de Loulé, acompanhados de uma veemente exortação:

— Em frente e sem vacilações, mûdos de Loulé — condignos e festivos embaixadores da vossa terra!

A segunda parte da «Festa de Natal» foi preenchida com um acto de variedades abrilhantado pelo conjunto musical louletano «Laurus-Est», que deu mostras do seu apuro e grande vivacidade na execução de um naipe de músicas em voga, que culminaram sempre com fortes aclamações da assistência.

Por sua vez, o conhecido e afamado cançonetista louletano, José Cheta, contagiou o público mediante a sua esplêndida actuação, que em coro, muitas vezes, o acompanhou e sempre o ovacionou, com estridência inusitada e entusástica.

Findo o espectáculo, as crianças dos trabalhadores da Câmara Bombeiros, Federação e garotos do Rancho Infantil foram obsequiados com guloseimas e brinquedos, acto este que serviu para sadia confraternização extensiva aos seus familiares e acompanhantes.

E, assim, terminou, da melhor maneira, em gestos de cordial convivência, esta memorável «Festa de Natal».

A terminar, cumpre-nos salientar a acção desvelada da comissão impulsadora do Rancho Infantil de Loulé (srs. Mido Floo, Fernando Soares e José Baptista) e ainda, como locutor, Santos Gomes, que muito tem colaborado no prólogo dos espectáculos, na qualidade de apresentador.

## Farmácias recebem da Previdência 350 mil contos

Pelo Ministério dos Assuntos Sociais e através do Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social, foi atribuída uma verba de 350 mil contos às farmácias, para pagamento de dívidas da Previdência respeitantes ao mês de Agosto e parte do mês de Setembro, de acordo com o estipulado pelo plano financeiro apresentado pela Comissão Instaladora dos Serviços Médico-Sociais.

Para pagamento dos vencimentos do 13.º mês, aquele Instituto remeteu 530 mil contos para pagamento dos Serviços Médico-Sociais.

## CARRO — VENDE-SE

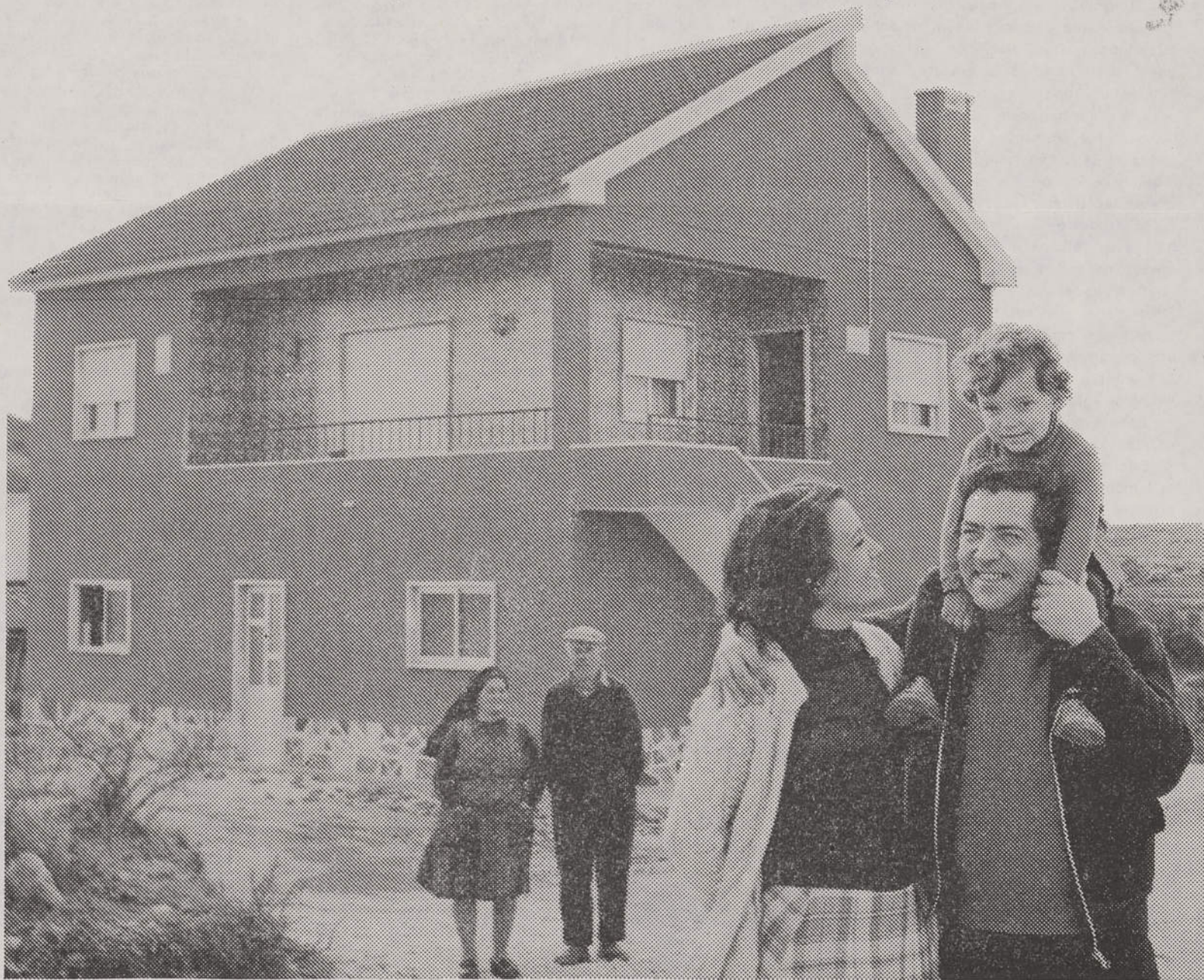
Toyota Corolla, misto, com 30 000 Km, em bom estado. Tratar com Augusto Costa Gonçalves — Consequente — Vale Judeu — LOULÉ.

## Você que trabalha fora de Portugal

# DEPOSITE NOS BANCOS PORTUGUESES

Com uma conta  
POUPANÇA-CRÉDITO pode  
comprar mais depressa  
as casas, as terras ou  
os andares que entender.

Além disso não esqueça:  
Em Portugal, o seu dinheiro  
rende mais. Depositando a  
prazo, o juro pode ir até 16%  
ao ano! Livre de impostos.



## I ENCONTRO DE ESCRITORES ALGARVIOS

(continuação da pág. 1)  
rismo do Algarve e de outras entidades.

Para a efectivação do referido encontro foi elaborado o seguinte programa:

Dia 21 — Chegada dos participantes; às 12 horas, apresentação de cumprimentos no salão nobre da Câmara Municipal; às 13 horas, almoço; às 15 horas, abertura da I Feira do Livro Algarvio; 16 horas, primeira sessão de trabalhos e discussão

das comunicações; 20 horas, jantar; 21-30 horas, serão cultural (concerto).

Dia 22, às 10 horas, passeio pelo concelho com inauguração de algumas manifestações culturais nas freguesias rurais; 13 horas, almoço; às 15 horas, I Feira do Livro Algarvio, sessão de autógrafos e encontro com escritores e livreiros; às 17 horas, segunda sessão de trabalhos, conclusões; às 20 horas, jantar; às 22 horas, encerramento do Encontro, e

aprovação dos Estatutos e dos sócios fundadores do GEA, indicação das obras a editar em 1978 e leitura das condições.

Entretanto, pela GEA - Grupo de Escritores Algarvios, a funcionar nos Paços do Concelho de Lagos, foi-nos entregue, para publicação uma circular que a seguir extractamos.

Os participantes no I Encontro de Escritores Algarvios, que decorrerá em Lagos nos dias 21 e 22 de Janeiro de 1978, deverão enviar pre-

viamente uma cópia das suas comunicações, a fim de as mesmas poderem ser publicadas nos «Cadernos» do Encontro a editar e distribuir ainda antes daquela data.

Para isso, deverão os escritores participantes enviar as cópias das suas comunicações até ao dia 31 do corrente.

Estes «Cadernos» destinam-se não só aos participantes, mas ainda a distribuir pelos órgãos de informação e pelas bibliotecas regionais.

# Quotidianos

a crónica de  
JOSÉ MANUEL MENDES



## 1977: Morto sem brilho nem chama

O bicho jaz inerte e paspalhão na soleira da Europa. O olhar vítreo, parado, estarecido no pavor do seu destino fatal, na sina triste de muito cedo ficar órfão, e precocemente lançar o filho único na balbúrdia do Mundo.

Era sobretudo a confusão que mais confusão lhe fazia. Limitado, compacto, contínuo na alternância da sua capacidade de fruto que já nasce apodrecido, numa árvore decrépita, ainda que longa, e alta, tão alta que já tocou nos buracos da Lua. E mais, lá vai prosseguindo na sua escalada, ramo após ramo, verde sempre, mas insaciável, corroída à dentada, hoje, como ontem, dentadas na seiva do progresso, dentadas na raiva dos mil e um cérebros, muito científicos, muito agarrados, como sanguessugas, às suas raízes de número setenta e sete, como vampiros sedentos de urânio neutrões escorrendo-lhes pela baba dos seus dentes de urânio, a espuma sulfúrica exalando o hidrogénio das desgraça pelos seus tímpanos moucos.

Ah, mas o bicho!

Pois o bicho nasceu enfêzadinho, coitado! Que praga lhe tinham rogado, era a inclinação de toda a equipa de médicos e pseudos, mailos cangalheiros sentados na Assembleia, todos opinavam, todos por motivos diferentes consoante a bezerrice do seu apetite, ser mal que já vinha de há mais de três anos: uma hepatite! Pois, isso mesmo, uma hepatite crónica!

Doutores havia, mais suas proficientes e prostituídas enfermeiras, que diagnosticavam o vinho na origem de tão amarela doença. Para eles, não restavam dúvidas: fora a embriaguês de tanta paródia em três anos, que afectara os maus fígados de toda a geração.

Já o pai padecera, e o avô, e até o bisavô, apanhado assim de surpresa nas fúrias dos fins de Abril, na precipitação de todos os seus espermatozóides espavoridos em debandada, carregadinhos de ouro e divisas a caminho do grande óvulo da menstruação suíça.

Para outros doutores, por certo atacados de Clátrica aguda, tratava-se de uma infecção de bacilos. Para eles, os micróbios vieram de todos os lados, largaram os exílios, as cadeias, os ghettos, as tocas, e embarcaram na Rússia, em Nova Iorque, em Havana, no Cadoiço, e até alguns houve que, se amalhadados já estavam em S. Bento, em S. Bento permaneceram, amalhadados certamente a qualquer atestado de imunidade microbiana, anti-pidesca, anti-fascista, e altamente democrática, eles que estavam enterrados até às orelhas na lama da pesada herança, na babuja onde todos os outros vírus se vieram logo espojar e rebolar.

E foi precisamente aqui, na lama da pesada herança, com tanta lambida, com tanta rebolice e com tanta alarvice, que os micróbios de toda a parte, se rebolaram tanto, se encheram tanto, se conspurcaram tanto, que a lama da pesada herança se transformou em caca, e avinagrou por longos e duradouros anos, a cirrose mortal de uma geração de pais e de filhos consecutivos, fatalmente destinados à morte, e de que este ano de 1977, o bicho, é apenas um reles episódio na tragédia mais vasta de uma sementeira falida.

## NOVOS PREÇOS DO AZEITE

De conformidade com uma portaria do Ministério do Comércio e Turismo, publicada no passado dia 16 de Dezembro no «Diário da República», o azeite aumenta de preço, devido às subidas dos custos de produção, transporte, embalagens e distribuição.

Assim, de acordo com as suas características (comercial extra, com acidez até meio grau, até um grau, e até um e meio grau), os preços máximos em vigor, de venda ao público, são os seguintes: embalagens de vidro de um litro, 84\$50, 82\$50 e 81\$00; embalagens de plástico de um litro, 84\$00, 82\$00 e 80\$50; embalagens de lata de cinco litros, 420\$00, 410\$00 e 402\$50.

Segundo os termos daquela portaria o aumento do preço do azeite (cerca de 19%) corresponde «percentualmente» ao aumento do preço na produção, tendo-se en-

tendido, por justiça, acrescentar ligeiramente a remuneração do retalhista. Por outro lado, o mesmo diploma esclarece que «o Governo propõe-se reforçar a fiscalização da qualidade do azeite, a fim de garantir ao consumidor a genuidade do produto».

### Artur Marcos Guerreiro

Desde há meses que se encontra internado no Hospital da Palhavã, em Sintra, o nosso estimado amigo e dedicado assinante, sr. Artur Marcos Guerreiro, produtor da conhecida aguardente «Tia Anica» e cujo estado de saúde inspira sérios cuidados.

Formulamos votos pelo seu rápido restabelecimento.

# AQUI DA MINHA JANELA

Ao que parece, a motorizada nada tinha contra a velhota. Não lhe tinha zanga. Não a odiava. E, pelos vistos, nem sequer a conhecia.

Quis o destino, no entanto, que num belo sábado turbulento e cheio de sol se viessem a encontrar.

E a partir daí, ficaram a conhecer-se. Naturalmente.

Não houve sorrisos. Apertos de mão: Beijos: Ou coisa c'os valha:

O encontro foi em Loulé. A saída da vila. No último cruzamento com a estrada que nos leva às Quatro Estradas.

Foi um encontro ocasional como tantos outros. Sabemos.

Encontro de circunstância, para sermos mais precisos.

E, sobretudo, pouco amistosos. Convenhamos.

A velhota atravessava vagarosamente a estrada como qualquer vulgar cidadã dona de uma idade já avançada na vida.

la à vida dela. Uma vida vergada pelo peso de muitas descoloridas primaveras que a viveram amarrada à dura faina do campo.

A motorizada era mais nova. Tinha idade para poder ser sua neta, ou coisa assim.

A primeira, arrastava à cabeça — sabe Deus com quanta dificuldade — um cesto com uns parcos viveres que lhe iriam permitir passar a semana seguinte com menos dificuldades. Supomos.

A segunda, mais lesta e remexida, engolia metros e metros de estrada num vô-se-te-avias diabólico, transportando no seu dorso setenta e não sei quantos quilos de estupidez e irresponsabilidade.

Uma irresponsabilidade pura. Genuína, comprovada na cara de um certo parvo barbudo que lá ia escarrapachado.

Depois, foi o encontro. O tal. Com aquele cortejo de consequências que facilmente se adivinham: uma travagem brusca. Um ai-mãe parido à pressa do tipo salve-se quem puder, e zás: lá foi a pobre da velhota atirada p'ra valeta. Sem cerimónia, com aliás é costume nestas coisas.

Mais: com cesto e tudo. Que isto de se fazer as coisas por atacado sai sempre mais barato. Fica sempre mais em conta.

O da motorizada afocinhou com a dita. Aliás, nem outra coisa era de esperar. Claro.

## Acção desanuviadora da Judiciária em colaboração com a PSP local

Ainda não há muito que Loulé, orderia e pacífica vila, devotada por inteiro ao trabalho e à labuta diária, foi durante certo período fustigada por uma onda devastadora de roubos, saques e depredações, quase se pode dizer quotidianos, como nunca fora visto.

Os assaltos aos estabelecimentos comerciais alternavam com os arrombamentos às instituições de ensino e às residências privadas, numa demonstração de claro desrespeito e ultraje pela propriedade alheia e de desafio pelas autoridades policiais, que devido aos seus reduzidos efectivos e à profusão de infracções ocorridas na vasta área confiada à sua alçada, se viu a braços com uma desproporcional tarefa que de longe ultrapassava as suas possibilidades.

Do facto demos conta e nos ocupámos várias vezes neste jornal, chamando para ele a atenção de quem de direito.

Evidentemente que as entidades competentes estavam também alerta e a postos, e mais ainda do que a sua aparente impossibilidade deixaria supor.

E, em dado momento, quando tudo levava a crer que seria difícil travar a onda de depredações que começava, depois de uma pausa estival, a fazer-se cada vez mais intensa, notou-se uma súbita acalmia bem sintomática.

Víamos a saher depois de uma acção discreta e conjugada da

Por casualidade, presenciei a cena de perto. Mal previ o que ia acontecer rechei os olhos quase que instintivamente e, numa tracção de segundo destilaram no meu cérebro coisas do arco da verna que não com aquela velhota: gritos de dor. Crianças atropeladas. Muitas. Pessoas inutilizadas. Muitas mais. Vi ambulâncias. Hospitais. Gente a chorar. Sei lá. Vi tanta coisa que fiquei com um horror tremendo à magana daquela estrada. E às outras. Todas. Sobretudo nas horas de ponta quando as danadas motorizadas dão à costa.

Assim que abri os olhos e vi o triste espectáculo, pensei: este tipo — o da motorizada — ou é parvo ou não sabe conduzir.

Que sim, disse o parvo. Que sabia conduzir. Que a culpa tinha sido da mulher.

Que ela se tinha metido na fente dele, etc., e tal. O costume.

Não me convenceu.

Ajudei a levantar a mulherzinha. Felizmente, o balanço da situação não tinha sido tão grave como à primeira vista se afigurou.

Ainda bem. Para um. E para o outro.

Umas quantas nódoas negras nas pernas da mulher, e pouco mais.

O parvo, é que ficou um pouco mais escavacado. Não tanto como merecia. Mas ficou.

Uns arranhões nas pernas e nos braços.

Um par de calças que se foi. Um conserto na máquina de derubar pessoas que lhe vai custar não sei quanto, e não sei que mais.

O curioso é que o nosso Fângio da pedaleira a motor mal viu a velhota de pé começou a sacudir a água do capote para lavar as mãos do assunto, e sem dizer água vai, ala que se faz tarde...

E foi. Pôs-se a milhas em menos de um farelo. Ninguém mais lhe pôs a vista em cima.

Ficar ali para resolver o assunto como gente crescida que é, está quieto...

Que isto agora já não é o da Joana como era aqui há tempos atrás, e a melhor solução era dar o fora não fosse o diabo tecê-las. E deu.

Sabemos que há democracia. É certo. Mas não creio que fugiu às responsabilidades seja demo-

cracia ou coisa que se pareça. Nem a democracia invalida que se deixe de fazer justiça. Antes pelo contrário, como toda a gente sabe. Por isso, quem mete o pé na argola terá que levar no tetuço.

Qualquer manual de educação por muito rasca que seja, ensina isso. Ou talvez não. Depende do manual e de quem o escrever.

Não quero dizer com isto que por dá cá aquela palha começemos para aí todos ao sopapo uns com os outros. Isso também não, bolas. Que raio! As coisas não se resolvem ao sopapo!

Mas também não deixo de acreditar que em certas ocasiões um par de lambadas dadas na altura devida nunca deixaram de fazer resultados compensadores.

Contudo, condeno este sistema e nem arrisco a apostar nele.

Aposto, sim, nos tribunais, porque só eles têm competência para resolverem com clareza e dignidade os litígios das pessoas.

É só isso.

Esta história em si — a da motorizada — nada tem de original. Casos como este acontecem diariamente aos caixotes por essas estradas do mundo inteiro.

Conto-a, não por simples descargo de consciência. Mas, é tão-somente, para recordar quanta irresponsabilidade campeia aí por este mundo de Cristo.

Deturpam-se factos. Atropelam-se pessoas. Adulteram-se sistemas. Boicotam-se honestidades. E, sobretudo, baralham-se as mesmas pessoas para as deixar confundidas, abanadas, e receosas de acreditar em quem.

Quem acredita em quem, é um disco já roufeno e demasiado esfarrapado que diversas grafonolas entoam constantemente para confundir as massas.

Confundir é a palavra de ordem que saltita em muitas bocas. E é aqui que bate o ponto, e a pergunta aparece:

Será isto uma forma de criticar?

Creio que não. Antes pelo contrário.

Como democrata que sou, aceito friamente uma crítica por mais tenaz que ela seja. Esta, desde que a crítica seja construtiva. Evidentemente. Aceito-a, e respeito-a. Claro está.

Só não poderei aceitar nem respeitar críticas forjadas sob o lamaçal do boato, da mentira, da maldade, da hipocrisia e, sobretudo, do insulto.

Insultar parece ser o pão nosso de cada dia. Mas não tem argumentos para poder respeitar a sua voz.

E na falta de argumentos, insultam, subvertem, desestabilizam. Baralham, e ao mesmo tempo mostram a sua verdadeira face de desonestos que são.

Mas estes, os desonestos, já estão tão conhecidos e rastejam tão junto à lama, que nem vale a pena lá mandar a biqueirada para lhe dar a divina recompensa no lugar apropriado.

E aqui, mais uma vez, continuo a dar inteira razão ao Povo quando com toda a sua humildade ele me diz: — Deixa lá o ó Zé, não sei quê não sei que mais, mas a caravana passa!

E se o povo diz isto, lá tem as suas razões. Não as contes-to.

Porque afinal de contas o Povo continua a ser um livro aberto do qual todos nós temos que aprender a tirar muitas lições.

É só.

PEDRO GOMES

## Auto-estrada a caminho do Sul

Deverá entrar em serviço, talvez já no próximo mês de Maio o troço da auto-estrada do Sul compreendido entre Fogueteiro e Palmela, e que virá permitir uma mais fácil, rápida e segura ligação entre Lisboa e Setúbal. Com duas vias em cada sentido, o lanço agora em construção

terá uma extensão de 27 quilómetros, ao custo aproximado de 40 mil contos por quilómetro. A nova via rápida será explorada em regime de portagem e dotada de serviços complementares e de assistência aos utentes e o seu custo total deve ultrapassar um milhão e duzentos mil contos.